

JAMES STEWART-GORDON

O MUNDO SUBMARINO DE JACQUES-YVES COUSTEAU

*Conheça o homem
que, mais do que
qualquer outro, nos
abriu os olhos para
as maravilhas do mar*



O COMANDANTE Jacques-Yves Cousteau, o mais famoso explorador e aventureiro submarino de todos os tempos, tornou-se o Cecil B. de Mille do mundo subaquático. Seus cenários são os recifes de corais e os oceanos, e seus astros são os cardumes de cavalas, cangulos, tubarões e baleias. Três de seus filmes (*O peixe dourado*, *O mundo silencioso* e *O mundo sem sol*) receberam *Oscars* da Academia Americana de Artes Cinematográficas. Já produziu também vários filmes (alguns dos quais premiados) para programas de televisão, e sua atual série de filmes para a televisão, *O mundo submarino de Jacques Cousteau*, rodada no seu próprio navio transoceânico, *Calypso*, já completou o sétimo ano consecutivo de exibição, em várias cadeias de televisão, em inúmeros países.

Aos 63 anos, este francês, oficial da marinha, aposentado, tem estudado, explorado e filmado as profundezas do mar, desde que colaborou na invenção do *Aqua-Lung*, em 1943,

e descobriu que o homem pode se deslocar facilmente debaixo d'água. É também filósofo, poeta, pintor, inventor, escritor, lingüista (além do francês, fala fluentemente inglês e alemão, entende espanhol e lê russo), conhecedor de vinhos e herói de guerra. Dois livros, entre mais de dez que já escreveu, *O mar vivo* e *O mundo silencioso*, já foram traduzidos para 22 línguas, e venderam milhões de exemplares. O mais recente projeto literário de Cousteau é uma enciclopédia de assuntos marinhos, em 20 volumes, que está sendo traduzida para mais de 10 línguas.

A invenção mais conhecida de Cousteau, o Aqua-Lung, é usada por desportistas, cientistas e mergulhadores profissionais em todo o mundo, para estudos científicos, reparação de navios, operações de salvamento, pesquisas arqueológicas — e, claro, também por aqueles que querem sentir o prazer de descobrir o mundo submarino. Outra de suas invenções, o Disco Mergulhador (um pequeno submarino, em forma de disco-voador, com capacidade para duas pessoas, e que pode descer até 300 metros de profundidade) está tornando possível a exploração das plataformas continentais (zonas de águas pouco profundas, que se estendem ao longo do litoral dos continentes), onde existem enormes reservas de minerais, petróleo e gás, além de abundantes espécimes da fauna e flora marítimas.

Homem em ação. Devido ao seu sucesso inventivo e artístico, Cousteau pode se dar ao luxo de financiar seus filmes e expedições, ao

contrário de muitos outros exploradores, que têm de depender de verbas governamentais e doações de particulares. Ele é o presidente do Grupo Cousteau e dos Mergulhadores de Santa Ana, na Califórnia, que produzem 40% de todo o equipamento de mergulho nos Estados Unidos. Cousteau tem ainda grande participação nos setores de *design* marítimo e construção litorânea em todo o mundo.

Apesar das exigências de seus negócios, Cousteau ainda encontra tempo para ser diretor do Museu Oceanográfico do Mônaco, famoso mundialmente, e para ser secretário da Comissão Internacional de Exploração Científica do Mediterrâneo, além de dirigir um consórcio de firmas de 24 países, sem fins lucrativos, cujo objetivo é a preservação ecológica dos oceanos e da vida marinha e o uso benéfico dos recursos marítimos. Este projeto o interessa particularmente, pois, como resultado de suas próprias observações pessoais, ele acha que «o homem é uma espécie ameaçada, e qualquer passo que tomemos para alterar o nosso meio-ambiente, através da poluição e da destruição, nos aproximará ainda mais das fronteiras da extinção».

Seja qual for o lugar aonde suas aventuras o conduzam, Cousteau segue um regime invariável. Fuma os charutos mais negros e fortes que consegue encontrar — italianos, de preferência. Em compensação, nunca bebe nada muito forte. Come de tudo, levanta-se toda manhã às seis, para fazer meia hora de exercícios, que o mantêm elegante e rijo como uma

vara de aço. (Embora venha mergulhando a grandes profundidades há mais de 40 anos, não sofre daqueles típicos problemas dos mergulhadores, como articulações duras ou surdez.)

Nasce um inventor. Cousteau está casado, desde 1937, com Simone Melchior, a esbelta e elegante filha de um antigo oficial da marinha francesa. Tem dois filhos, ambos casados, e que trabalham nas empresas de Cousteau na Califórnia. Embora ele e Simone tenham casas em Paris e Monte Carlo, seu verdadeiro lar é o *Calypso*, o caça-minas de 360 toneladas, que Cousteau comprou à armada inglesa em 1950, e vem remodelando até hoje. Batizado com esse nome, em homenagem a uma ninfa das águas, o *Calypso* está equipado com laboratórios, equipamento fotográfico, equipamento de mergulho, botalós, guindastes, discos-mergulhadores e um suprimento de vinho e comida para dois meses. Durante quase todo o ano, ele cruza os mares do mundo, explorando e fotografando as profundezas. A Sra. Cousteau, a única mulher regularmente a bordo, é a enfermeira do navio.

Nascido na França em 1910, Cousteau já era inventivo quando garoto. Aos 11 anos, observou a planta de um guindaste de 200 toneladas, e construiu um modelo de 1,20 m. Seu pai, advogado, mostrou o «brinquedo» de Jacques a um amigo engenheiro, que o examinou detidamente, e perguntou: «Você o ajudou a fazer isto?» «Não», respondeu papai Cousteau, «por quê?» E o engenheiro explicou: «Porque o garoto acrescentou a este

guindaste um movimento que não estava na planta, e é um melhoramento que vale a pena ser patenteado.»

O jovem Cousteau ingressou mais tarde na Academia Naval Francesa, em Brest, na qual se formou em 2.º lugar, em 1933. Após uma viagem de volta ao mundo, num cruzador de treinamento, e uma comissão de serviço, como comandante da base naval de Xangai, entrou para a escola de aviação naval francesa. Pouco antes da graduação, no entanto, numa noite de bruma, bateu com seu carro esporte, quebrou os dois braços e teve o peito afundado.

Sonhos profundos. No hospital, os ossos fraturados começaram a ser tratados. Daí a alguns dias, o braço esquerdo ficou seriamente infeccionado e, para salvar a vida de Cousteau o cirurgião recomendou a amputação do braço. Cousteau se recusou, a infecção se curou em pouco tempo, e o braço foi salvo. Mas o braço direito ficou paralisado; oito meses depois do acidente, ele só conseguia mover um dedo. (Com o tempo, através de exercícios e muita força de vontade, Cousteau também recuperou o uso deste braço.)

Retornou à ativa, na marinha, e foi designado para Toulon, na costa francesa do Mediterrâneo. Ali, para movimentar e forçar os braços, começou a nadar frequentemente na baía, com dois amigos, Philippe Tailliez e Frédéric Dumas.

Em 1936, não muito longe de Toulon, Guy Gilpatric, criador de algumas histórias muito populares sobre

o mar, começou tentando mergulhar a maiores profundidades, utilizando os óculos à prova d'água usados pelos caçadores de pérolas nos Mares do Sul. Cousteau soube das aventuras de Gilpatric através de Dumas. Arranjou um par de óculos, colocou-os, mergulhou, e, com os olhos protegidos, viu o maravilhoso mundo submarino pela primeira vez. Desse momento em diante, determinou-se a encontrar um meio de mergulhar que desse completa liberdade de movimentos.

As experiências de Cousteau foram interrompidas logo, pela Segunda Guerra Mundial. Quando a França se rendeu, e seus navios foram postos a pique, ele se juntou à Resistência francesa, e começou o trabalho pelo qual foi agraciado com a Legião de Honra e com a Cruz de Guerra. Numa de suas explorações, conseguiu penetrar no quartel-general italiano, em Sète, fotografou o seu código, e o transmitiu aos aliados, que o usaram para decodificar os sinais navais dos italianos, antes da invasão do Norte da África.

Homem-peixe. Enquanto servia aos aliados, Cousteau continuou a mergulhar no Mediterrâneo. «Os alemães me consideravam uma espécie de louco inofensivo», explica Cousteau, «e fiz o que pude para reforçar essa impressão.» Enquanto isso, ele anotava os menores movimentos da marinha alemã, para o serviço de informações dos aliados. Neste processo, trabalhava no aperfeiçoamento do equipamento de mergulho que lhe permitia respirar com os cilindros de ar comprimido atados às costas.

O problema com o equipamento de mergulho era encontrar um meio de controlar o fluxo de ar para o mergulhador. Cousteau conseguiu um salvo-conduto, foi a Paris (então ocupada) e esboçou aquilo de que precisava, para o engenheiro Emile Gagnan. Gagnan o ouviu, e lhe mostrou uma válvula, que tinha criado, para controlar o fluxo de combustível nos automóveis alimentados a gasolina. Num dia gelido de 1943, Cousteau e Gagnan se dirigiram para um ponto deserto do Marne, perto de Paris. Cousteau vestiu o pesado equipamento de ar comprimido, mergulhou na água gelada e, pela primeira vez, experimentou a sensação de que tinha se tornado um homem-peixe. Tinha começado aquilo que muitos chamam de a Era do Espaço Interior.

Em 1944, após a libertação de Paris, Cousteau foi a Londres, onde tentou, sem sucesso, apresentar o Aqua-Lung às autoridades da armada. Voltou à França e, com seus companheiros de mergulho, na marinha, organizou a primeira unidade submarina francesa. Nos cinco anos seguintes, eles revolucionaram e aperfeiçoaram as técnicas de mergulho e fotografia submarina. Testaram dispositivos de segurança, exploraram cavernas submarinas e recuperaram carregamentos de antigas galeras romanas. Cousteau e quatro outros mergulhadores mantiveram, por algum tempo, o récorde mundial de mergulho — a uma profundidade de 90,5 metros.

Finalmente, compreendendo que

seus deveres na marinha interferiam com suas explorações subaquáticas, Cousteau pediu reforma sem remuneração. Seus amigos ricos contribuíram para a criação de uma empresa, sem fins lucrativos, que comprou o *Calypso*. Em 1951, ele se lançou à primeira de suas grandes aventuras, em seu próprio navio. Começou também a escrever (em inglês) *O mundo silencioso*, um livro sobre as maravilhas do fundo do mar e, depois, fez um filme com o mesmo nome. Tanto o filme como o livro tiveram sucesso imediato. Comentando a obra, disse um crítico: «O terror e a beleza são os dois lados da imaginação. Daí, este livro ser verdadeiramente maravilhoso.»

Nos anos que se seguiram, os livros e filmes de grande sucesso se sucederam, e Cousteau expandiu suas atividades. Na década de 50, fez pesquisas no Golfo Pérsico, em busca de petróleo em alto-mar, e depois o mesmo no Mediterrâneo, para a construção de um gasoduto entre o Norte da África e a Europa. Em 1963, construiu uma «cidade», no fundo do Mar Vermelho, para provar que o homem podia sobreviver debaixo d'água. Em 1967, financeiramente realizado, e aposentado, levou uma equipe de cientistas para seu navio, e zarpou para uma expedição de quatro anos ao redor do mundo, para explorar e filmar as maravilhas e segredos dos mares.

Recentemente, fui ao Mônaco, visitar o Rei Submarino. O palácio rococó, construído pelo Príncipe Albert, bisavô do Príncipe Rainier, para abri-

gar o Museu Oceanográfico, onde Cousteau instalou a sua sede, estava apinhado de turistas. Quando entrei no gabinete de Cousteau, uma sala quase vazia, com algumas fotografias de navios nas paredes, Cousteau estava à sua mesa de trabalho, sobre a qual havia um mapa do fundo do mar. Os olhos claros e o nariz adunco lhe davam a aparência de uma águia; porém seu trato era amável. Enquanto falava sobre suas aventuras e o medo de que o lixo industrial, atualmente jogado ao mar, venha a destruir toda a futura vida marítima, caminhava ao redor da mesa, como um velho lobo-do-mar passeando pelo convés de seu navio.

Tive sorte em conseguir aquela entrevista, pois a grande atividade de Cousteau o torna difícil de localizar, o que já fez até com que muitos o considerassem um homem evasivo. Mas isso não é verdade, como um de seus colaboradores me contou: «Lugar e hora nada significam para ele. Sempre faz o que tem de fazer, mas, às vezes, no meio daquilo, se interessa por qualquer outra coisa e não comparece.»

Cousteau explica seus muitos triunfos de maneira diferente — com um característico toque poético. «Minha filosofia», disse a um jornalista, «não é a das pedras, que devemos deixar para a posteridade, convertidas em monumentos — e sim a do vento, que sopra para onde quer, e quando quer que queiramos fazer alguma coisa.»

Para o extraordinário Jacques-Yves Cousteau, este vento continua soprando — e sempre na direção do mar.